

JOÃO FIADEIRO

PORTFOLIO (PEÇAS EM REPERTÓRIO)

JOÃO FIADEIRO | criação a solo

I am sitting in a room / 1997 (com reenactment em 2014)
A partir da musica de Alvin Lucier

Este corpo que me ocupa / 2008
Com textos de Paula Caspão

I Am Here (recovered) / 2003 (com reenactment em 2018)
A partir da obra de Helena Almeida

I Was Here / 2014
Conferência-performance a partir do espetáculo I AM HERE

JOÃO FIADEIRO | criação de grupo

O que fazer daqui para trás / 2015

From afar it was an island, de perto uma pedra / 2018

JOÃO FIADEIRO | híbridos entre criação e formação

What to do with what remains / 2017
*A partir do espetáculo O QUE FAZER DAQUI PARA TRÁS.
Projecto de performance, desenhado para um espaço in situ.*

Acção-Decisão / 2018
*A partir do espetáculo EXISTÊNCIA.
Projecto de performance duracional, desenhado para um museu.*

JOÃO FIADEIRO | Composição em Tempo Real

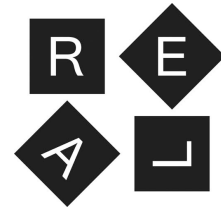


Foto: Patrícia Almeida

I AM SITTING IN A ROOM DIFFERENT FROM THE ONE YOU ARE IN NOW (1997-2014)

Estreia em Outubro de 1997 no Festival International de Nouvelle Danse de Montreal, Canadá | Re-posição em Outubro de 2014 no Atleier Real, Lisboa

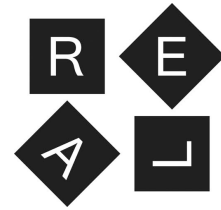
Concepção e performance: João Fiadeiro

Desenho sonoro: João Bento (a partir da peça “I am sitting in a room” de Alvin Lucier)

Versão Palco:

Versão Museu: <https://vimeo.com/320060300> (senha: iamsittingivam)

A peça *I am sitting in a room different from the one you are in now* inaugura, de forma mais explícita, o modo como a Composição em Tempo Real - ferramenta que João Fiadeiro começou a desenhar dois anos antes da sua



estreia, em 1995 - influência o modo como lida com a composição e a improvisação. É com este solo que ele faz uma ruptura mais assumida com estratégias de composição vindas das suas primeiras influências (pós-modernismo americano e nova dança belga) que serviram de referência para os trabalhos iniciais da Companhia RE.AL entre 1990 e 1995.

O trabalho sonoro de Alvin Lucier “I am sitting in a room” serviu de plataforma conceptual e paisagem sonora perfeita para a explicitação e afirmação da posição que Fiadeiro queria explorar com a sua investigação. Nomeadamente a relação entre repetição e diferença ou a forma como, sem subterfúgios, efeitos ou segundos sentidos, a peça “faz exatamente aquilo que diz”:

Estou sentado numa sala diferente daquela em que vocês se encontram. Estou a gravar o som da minha voz enquanto falo e vou passá-la vezes sem conta até que as frequências de ressonância da sala se intensifiquem, de modo a que qualquer semelhança com o meu discurso – à exceção do ritmo, talvez – seja destruída. O que irão ouvir, então, serão as frequências de ressonância naturais da sala articuladas pelo discurso. Considero esta atividade não tanto como demonstração de um facto físico, mas mais como uma forma de suavizar as irregularidades do meu discurso.”¹.

Entre 1997 e 2003 “I am sitting...” foi bastante bem recebido pelo público e crítica, tendo sido apresentado em inúmeros teatros e festivais um pouco por toda a Europa (Festival de Montpellier, TanzQuartierWien, Centre National de la Danse em Paris, South Bank em Londres...), Portugal (Centro Cultural de Belém) e Canadá (Festival de Nouvelle Danse), para além de ter sido filmado para a estação televisiva Mezzo. A remontagem feita em 2014 não alterou o trabalho do ponto de vista dramático, mas a sua estrutura acolhe e incorpora o novo lugar em que se encontra o corpo (de trabalho) de João Fiadeiro. A versão “museu”, activada a convite de Boriz Charmatz com o projeto “20 dancers for the XX century” dá uma nova vida a esta obra histórica, sem deixar de ser absolutamente contemporânea.

¹ No original: “I am sitting in a room different from the one you are in now. I am recording the sound of my speaking voice and I am going to play it back into the room again and again until the resonant frequencies of the room reinforce themselves so that any semblance of my speech, with perhaps the exception of rhythm, is destroyed. What you will hear, then, are the natural resonant frequencies of the room articulated by speech. I regard this activity not so much as a demonstration of a physical fact, but more as a way to smooth out any irregularities my speech might have.”

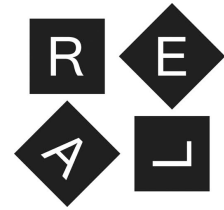


Foto: Patrícia Almeida

ESTE CORPO QUE ME OCUPA (2008-2014)

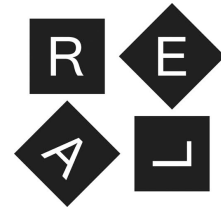
Estreia em Outubro de 1997 no Teatro Chão de Oliva, Sintra | Re-posição em Novembro de 2014 no Atelier Real, Lisboa

Performance: João Fiadeiro
Concepção: João Fiadeiro e Paula Caspão
Textos: Paula Caspão com João Fiadeiro

Versão palco (inglês): <https://vimeo.com/joaofiadeiro/ecqmobucharest>

Versão palco (português): <https://vimeo.com/114956099>

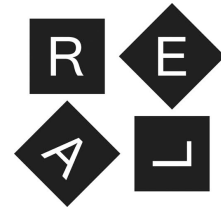
A peça *Este corpo que me ocupa* fecha, de certa maneira, um ciclo começado com “I am Sitting...” onze anos antes, período durante o qual João Fiadeiro se dedicou - através dos múltiplos interfaces que foi promovendo (projetos de criação, atelieres de investigação, workshops de formação) e através da plataforma prática-teórica que a Composição em Tempo Real proporcionava - experimentar e sistematizar novos modos de colaboração, composição e criação artística. *Este corpo que me ocupa* posiciona-se assim enquanto peça-tese, onde Fiadeiro, em colaboração com Paula Caspão, tenta sintetizar na equação mais simples possível, aquilo que o inquietava (e continua a inquietar) enquanto artista e investigador.



Se tivesse que reduzir, numa só palavra, o meu "modo de operação", aquilo que me move e me define enquanto artista, diria que funciono e trabalho com o "resto". O "resto" é aquilo que fica, que foi esquecido (porque não existe crime perfeito). O "resto" é o que cria "vazio". E é a prova da ausência de uma presença. Ou, melhor ainda, é a presença de uma ausência. É no "resto" que vamos encontrar os rastros para darmos início à impossível tarefa de re-construir o mundo, uma e outra vez. Atrai-me esta ideia de saber que algo cá esteve antes de mim e que o que ficou, resistiu. O resto é também o que está entre o corpo e "a presença do outro no corpo", uma fuga permanente para coisas que ainda não são, para coisas que podem ser. E é nisso que penso: em como dar a ver o que não está lá. Como trabalhar com uma matéria tão volátil como o vazio. Como apresentar o "entre" das coisas? E, pior ainda, como representá-lo?

"Este corpo que me ocupa" not only proclaims, and performs, the need not to be moved by a self, it bypass even the desire to be moved by a thing (...) Rather, "Este corpo que me ocupa" propose how to move as thing and how to become-thing. (...) Its title offers a crucial key to the ways objects and subjects co-determine each other. As far as mere matter is concerned, the question of knowing which body occupies another remains a matter for physics or chemistry. However, in the field of subjectivation and instrumental reason, the question of being occupied and possessed by bodies and by objects is the crucial question."

André Lepecki, 2016
Singularities, Dance in the age of performance



I AM HERE (2003 / 2018)

Estreia em 2003 no Centre George Pompidou, Paris, França
Re-posição em 2018 no Festival Citemor, Montemor, Portugal

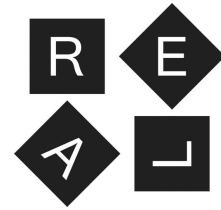
Criação e interpretação: João Fiadeiro
Montagem do espaço cénico e operação de luz: Paulo Morais
Fotografias em tempo real: Katia Sá

Teaser: <https://vimeo.com/joaofiadeiro/iamhereinsitu>

“Olhamos para o corpo e o corpo termina de repente nos pés, nas mãos. Acaba ali. Não há mais nada à frente, parece uma escarpa de um rochedo sobre o mar. De repente, termina.”

Helena Almeida

I am here (recovered) é uma performance-instalação que adapta o espetáculo *I Am Here* de João Fiadeiro (concebido em 2003 a partir da obra de Helena Almeida) para um espaço não convencional, sem frente definida, onde o espectador se movimenta e relaciona com a apresentação a seu ritmo e a seu modo. Nesse sentido, ***I am here (recovered)*** aproxima-se de forma mais explícita do território que lhe deu origem: o das artes plásticas e da *performance art*, onde espectador e obra quase se cruzam, quase trocam de lugar. ***I am here (recovered)*** continua para lá da apresentação que lhe



dá corpo. A sua presença manifesta-se através dos restos, rastros e traços resultantes da performance.

“Em “I Am Here” não há qualquer jogo com a localização ou a representação do corpo, mas antes com as formas (materiais) que ele produz, através da fotografia, do desenho e da sombra. Ao encenar a finitude do corpo (morfológico), cativo das suas fronteiras dentro da realidade, João Fiadeiro sublinha a emergência do (corpo do) trabalho, como se entre vida (presença) e morte (ausência) não existisse nem história, nem drama, nem tensão, mas apenas linhas marginais, que se cruzam, entrelaçam e desfazem no vazio.”

Rui Catalão

Sobre Helena Almeida

(...) Helena Almeida sempre construiu imagens, mesmo quando ainda não as fazia como artista. A partir dos 10-11 anos, posava durante longas horas para o seu pai, o escultor Leopoldo de Almeida: «o corpo não existe e o meu corpo era também como se não existisse. Eu estava ali, parada. Era um modelo, não podia ter frio ou calor.» Uma presença tão requisitada pelo olhar do espectador com o passar do tempo criava dentro dela própria uma sensação de desaparecimento, de impertinência. O corpo de Helena Almeida era já naquela altura uma imagem, pela insistência na pose e pela exaustão que essa insistência provocava. O corpo como imagem tomava-se permeável com o espaço do atelier, com a temperatura e com a gravidade, mas o corpo continuava a existir. O que é tão comum a todos nós transformou-se então e para sempre num motor de perplexidades: como é que um corpo termina de uma maneira tão derradeira?

Maria Filomena Molder

(in Dramatis Persona: Variações e fuga sobre um corpo)



foto: João Fiadeiro

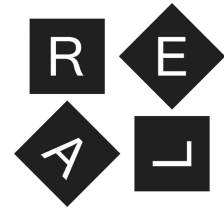
I WAS HERE (2014), conferência-performance

Estreia em Outubro de 2014 no Atelier Real, Lisboa
 Concepção e apresentação de João Fiadeiro
 Desenho projeção: Stephan Jurgens
 Assistência de ensaio e dramaturgica: Carolina Campos

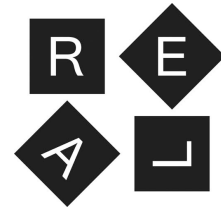
Video teaser: <https://vimeo.com/joaofiadeiro/iwashereteaser>

I was here revisita a peça *I Am Here* criada em 2003 e que, por sua vez, visita o universo da artista plástica Helena Almeida. Este “hábito” de re-visitatar, re-habitar, viver a mesma coisa, mas de um outro prisma, de uma outra perspectiva, acompanha desde sempre o *modus operandi* de João Fiadeiro. O dispositivo da “conferencia-performance”, lugar híbrido entre a apresentação e a representação, entre a performance e o documento, amplifica ainda mais esse modo de operar, possibilitando a experiência simultânea do estar “presente-ausente”, tão caro ao pensamento de Fiadeiro.

I am here é uma peça que, de certa maneira, sintetiza toda a sua trajetória na medida em que concentra muito do seu pensamento e inquietações



enquanto artista. A conferência performance *I was here* é, por isso, uma excelente oportunidade para partilhar tanto o processo que deu origem ao espetáculo, como as premissas e princípios que orientam João Fiadeiro na criação dos seus espetáculos. *I was here* expõem – através da apresentação de filmes, fotos, maquetes e demonstrações – o modo como se deu o encontro com o trabalho e com a própria da Helena Almeida; a forma como se desenrolou, nas diferentes escalas, o deslocamento entre o afeto original, a formulação do enunciado e a manifestação da obra; e a forma como se processou a relação com os diversos colaboradores, sobretudo com o artista visual e arquiteto Walter Lauterer, autor da cenografia-escultura que recebe o corpo de João Fiadeiro em *I am here*.



O QUE FAZER DAQUI PARA TRÁS (2015)

Conceito e direção: João Fiadeiro

Performers e cocriação: Adaline Anobile, Carolina Campos, Márcia Lança, Iván Haidar e Daniel Pizamiglio

Desenho de luz: Colin Legran

Direção técnica: Leticia Skrycky

Versão Palco (completa): <https://vimeo.com/joaofiadeiro/oqfdp trio>

Versão Palco (reduzida): <https://vimeo.com/joaofiadeiro/oqfdp tteaser>

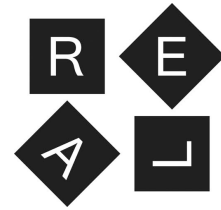
Teaser: <https://vimeo.com/203935621>

*Time present and time past
Are both perhaps present in time future
And time future contained in time past.
If all time is eternally present
All time is unredeemable.²*

T. S. Eliot

Em **O que fazer daqui para trás**, João Fiadeiro explora a duração do tempo suspenso, o intervalo, focando a atenção no que não está

² *Four Quartets*, Burnt Norton, Harcourt (US), 1943

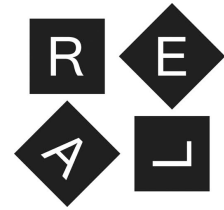


acontecendo diante do público. Aqui, o não dito é mais importante que aquilo que se diz. A ausência se sobrepõe à presença. O espetáculo faz uma crítica à urgência e à aceleração da rotina, que dificultam a organização do indivíduo. Os intérpretes entram e saem ofegantes de cena, deixando o espectador num estado de constante espera pelo que irá ocupar o vazio deixado por eles.

E o que o ocupa o vazio é o “resto”, a prova de uma presença. Ou melhor, é a presença de uma ausência. É no “resto” que vamos encontrar os traços e os rastros para darmos início à impossível tarefa de reconstruir o mundo, uma e outra vez. O resto é também o que está entre o corpo e “a presença do outro no corpo”, uma fuga permanente para coisas que ainda não são, para o que as coisas podem. “O que fazer daqui para trás” posiciona-se entre a dúvida e a possibilidade. Onde o não-dito é mais importante do que aquilo que se diz, onde a ausência se sobrepõe à presença e onde o drama não vem do teatro mas daquilo que os corpos – dos performers e dos espectadores – podem (e têm e trazem). A sombra indica-nos a presença da luz, o silêncio a presença do som e a ausência a presença do acontecido. Da sombra, do silêncio e da ausência, eis – para quem se pergunta – aquilo que esta peça trata.

“Em O Que Fazer Daqui Para Trás uma regra performativa, inteligente e constante, com implicações decisivas e valiosas. Além do microfone e da luz, o palco será apenas preenchido, em intervalos, pela entrada dos intérpretes que, após correrem durante todo tempo que estiveram ausentes, falam ofegantes; é uma aparição individual e sucessiva de pessoas que andam numa correria ou acossadas pela urgência, cujo tempo é curto e agitado. Para além do vigor e da originalidade que esta opção estrutural confere, reside também aqui uma relevante incursão crítica: esta peça foi feita num ano em que Fiadeiro vive na pele a precariedade que assola muitos membros da sua comunidade, uma maioria de portugueses noutros sectores profissionais e muitos mais refugiados no mundo. O palco despido, a rarefacção de objetos e o recurso a um só princípio coreográfico são indícios de um ‘tempo sem’ - sem dinheiro, sem coisas, sem direitos... – e talvez do equilíbrio esgotante da corrida pela sobrevivência.”

Paula Varanda, crítica do jornal Público



Alipio Padilha

FROM AFAR IT WAS AN ISLAND, DE PERTO UMA PEDRA (2018)

CONCEITO

João Fiadeiro

CO-DIREÇÃO

João Fiadeiro / Leonardo Mouramateus / Carolina Campos

PERFORMANCE E CO-CRIAÇÃO

Carolina Campos / Adaline Anobile / Márcia Lança (Nuno Lucas) / Iván Haidar / Julián Pacomio.

CAPTAÇÃO SONORA EM TEMPO REAL

João Bento

LUZES

Leticia Skrycky

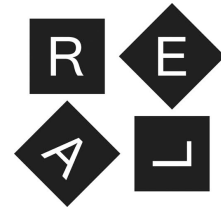
ESPAÇO

João Fiadeiro e equipa - a partir do espaço cénico de From afar it was an island de Nadia Lauro (cenografia), Gabriela Forman (figurinos) e Bruno Bogarim (objetos)

Video "From afar it was an island": <https://vimeo.com/268120554>

Video "De perto, uma pedra": <https://vimeo.com/303743094>

"De perto, uma pedra" completa a frase que poderia ter sido escrita por Bruno Munari na sequência de "From afar it was an island", título de um livro para crianças que "pedi

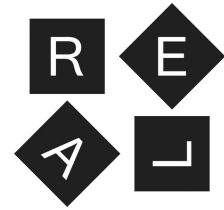


emprestado" para nomear o espetáculo que estreou no Festival DDD no Porto de 2018 (a partir de uma encomenda do Alkantara Festival).

"De perto, uma pedra" é uma nova abordagem de "From afar it was an island" que propõe exatamente aquilo que o título sugere: proporcionar ao espectador/visitante que olhe de perto (e por dentro) de um trabalho que foi originalmente desenhado para ser olhado de longe (e por fora). Este movimento de re-visitação para ambientes "in situ" de obras originalmente desenhadas para palco, é uma prática cada vez mais recorrente no meu percurso. Retomar e remontar a mesma matéria, mas em modo "unplugged", *lo-fi*, libertando-a da tirania da narrativa que o aparato teatral obriga, é cada vez mais recorrente na relação com os objetos e artefactos que João Fiadeiro produz. Como se, para suspender a expectativa do espectador (e ativar uma percepção da ordem do sensorial e do sensível), fosse necessário retirá-lo do "lugar marcado" (fixo, imóvel, inerte) que este ocupa na plateia.

"From afar it was an island" e "De perto, uma pedra" são coreografados com gestos armazenados pelo cinema, todo "escrito" com essas "palavras", e com a tensão que é mantida no interior desses fragmentos. Um conjunto de mais de uma centena de filmes dos quais foram extraídas pessoas que se vestem, caminham, param, esperam, conversam... O *raccord*, próprio da linguagem cinematográfica, será o princípio capaz de articular relações entre esses gestos: alguém enche um copo de água na mesa da sua cozinha CORTA PARA outro alguém que derruba um copo de vodka no balcão de um bar. Na mesa de edição o *raccord* que uniria esses dois gestos não esconderia o salto espacial e temporal que separa as duas cenas, que podem, inclusive, ser de dois filmes diferentes. No teatro, no entanto, temos a unidade espacial e temporal do palco, e temos o corpo que se apropria e une as duas cenas, sem que possamos notar o instante exato em que uma cena acaba e outra começa. Os gestos acumulam-se, o futuro não é previsível e o passado não é escrito. Os gestos são contidos no presente da sua própria presença, e no entanto continuam. Em "From afar it was an island" o gesto fixado pelo cinema é possuído pelo fantasma do gesto da dança: o esquecimento."

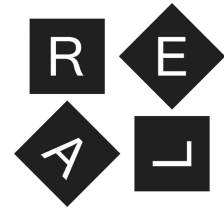
Leonardo Mouramateus



AÇÃO/DECISÃO (2018)

Video: <https://vimeo.com/300401318> (password: actiondecision)

Ação/Decisão retoma a experiência do projeto *Existência*, que João Fiadeiro criou em 2002 com estreia no Centro Georges Pompidou em Paris. A sua dramaturgia consistia em colocar os performers em frente a um público sem qualquer tipo de partitura, ao mesmo tempo que recusava a ideia de que se tratava de uma improvisação. Era uma Composição em Tempo Real, ou seja, uma composição (uma presença, uma duração) como outra qualquer, com a (enorme) diferença das decisões sobre a direção, as relações criadas ou o sentido dos acontecimentos, mesmo sendo definidas em tempo real, serem ensaiadas pelos performers até à exaustão e em função de critérios e premissas absolutamente rigorosas. Critérios e premissas esses que iam sendo estabelecidas e desenhadas durante os ensaios e que deram corpo à ferramenta de Composição em Tempo Real desenvolvida por Fiadeiro até hoje. Se os performers não sabiam ao que iam, o espectador tão pouco tinha acesso à informação de que aquilo que via não era a repetição de uma peça previamente ensaiada. Deslocava-se ao teatro e pagava o seu bilhete para ver a “nova criação de João Fiadeiro” e olhava para tudo o que se desenrolava à sua frente como se cada gesto ou decisão tivesse sido ensaiada e antecipada por um coreógrafo, por um autor. Esse olhar, carregado de expectativa (de pré-conceito), era absolutamente necessário



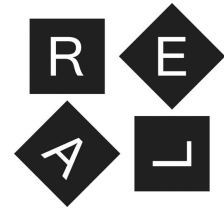
para que o projecto cumprisse uma parte do seu desígnio: dar a um acontecimento imprevisível a qualidade de um gesto inevitável. Existência movia-se na fronteira entre processo e produto, obra e ensaio, ação e pensamento. É essa mesma hibridez que João Fiadeiro convoca agora com esta proposta. Não se trata de repetir o Existência, mas de retomar a sua dimensão irreduzível: a experiência do desconhecido, do inacabado, do inesperado. A experiência da existência.



WHAT TO DO WITH WHAT REMAINS (2017)

WHAT TO DO WITH WHAT REMAINS é um projeto de formação desenhado a partir do espetáculo "O que fazer daqui para trás", onde os performers/participantes correm à volta do espaço de apresentação (normalmente um espaço aberto com relação direta com a rua) e voltam com imagens/situações/experiências que executam em modo situação/instalação.

Promo: <https://vimeo.com/242286774>



COMPOSIÇÃO EM TEMPO REAL

A Composição em Tempo Real é uma ferramenta teórico-prática que estuda, problematiza e sistematiza a experiência da improvisação e da composição em arte, utilizando o campo proporcionado pela dança contemporânea como território privilegiado de investigação e aplicação.

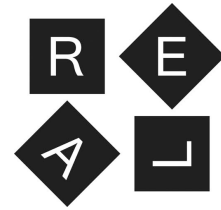
Video apresentação: <https://vimeo.com/310072489>

Video teaser: <https://vimeo.com/280023659>

Video workshop: <https://vimeo.com/304459078>

Apresentação

A Composição em Tempo Real defende que o gesto criativo não pode resultar de uma intenção ou projeção pessoal (seja ela explícita ou implícita). Para a Composição em Tempo Real o gesto criativo tem que resultar de um



encontro. Um encontro com um tempo, um espaço, um outro, uma coisa, um afeto... A força desse encontro, a sua importância e influência é diretamente proporcional à capacidade que este tem para suspender a nossa trajetória (por milésimos de segundos que sejam) e gerar a dúvida, o espanto. Essa suspensão é o que nos permite manter a equidistância entre inquietação e situação, criando as condições para descobrir (no meio do ruído, do excesso e do desperdício que nos rodeia), aquilo que de facto nos afeta, nos toca e nos move.

A prática da Composição em Tempo Real dá-nos as ferramentas necessárias para adiar a resposta, prolongando o tempo de abertura dessa brecha, e possibilitando a formulação justa e precisa da pergunta que nos inquieta. Para isso a Composição em Tempo Real treina a capacidade de nos olharmos de fora enquanto o acontecimento se desenrola e se oferece. Ao ganharmos distância, mesmo quanto somos “matéria” (como acontece quando improvisamos com os nossos corpos), reparamos em detalhes e relações que nos passariam despercebidos se estivéssemos demasiadamente “dentro” de nós mesmos ou se dependêssemos exclusivamente dos nossos padrões habituais de percepção.